

## **Atlântida brasileira: comunicação, memória e solastalgia em conteúdos digitais voltados ao turismo de Petrolândia-PE.<sup>1</sup>**

Marco Resende Rapeli <sup>2</sup>

### **Resumo expandido**

#### **Introdução**

Os ambientes urbanos moldaram e ainda moldam a experiência da vida mental (SIMMEL, 1973). Esses espaços estão sujeitos a mudanças, seja por interferência humana, de mera passagem do tempo, por influência e intervenção da iniciativa privada ou mesmo de políticas públicas e, cada vez mais, devido à influência de eventos climáticos extremos.

O antropoceno, conceito de Paul Crutzen e Eugene Stoermer, traz a ideia de que já vivemos em uma nova era geológica, onde a atividade humana deixa marcas permanentes no planeta (BRIZOLA, 2004). Nessa era, catástrofes ambientais - tais como as condições de calor extremo, inundações e doenças geradas pela crise climática - ditam e fazem parte da experiência humana.

A transformação dos espaços geográficos, dos ecossistemas e dos recursos naturais traz, desde a modernidade, uma noção da supremacia da espécie humana sobre as demais formas de vida, considerando, a si própria, vitoriosa sobre a natureza (BRESCIANI, 1985).

Quando focamos esse olhar no contexto específico do espaço urbano, as mudanças feitas pela própria espécie humana ganham um sentido ainda mais intenso na maneira de consumir a cidade: o espaço idealizado, criado e construído pelo homem é ora reconstruído e ora destruído por ele próprio.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Eixo Temático G (Solastalgia. Estresse e nostalgia frente a mudanças ambientais) do XVII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, realizado nos dias 4 a 06 de dezembro de 2024.

<sup>2</sup> Doutorando em Comunicação e Práticas do Consumo pelo PPGCOM-ESPM; Pesquisador no Grupo de Pesquisa MNEMON (Memória, Comunicação e Consumo). Bolsista CAPES PROSUP-Taxas. E-mail: marco.rapeli@gmail.com.

Mas, como as maneiras de consumir a cidade como habitáculo humano são impactadas por esse contexto? Embora essa não seja propriamente o problema de pesquisa que esse artigo procura responder, é o questionamento-base que permite esse trabalho exista.

Há quase cinquenta anos, a dupla musical Sá e Guarabyra, na canção gravada em 1977 e de nome "Sobradinho", escreveu nos versos que se tornariam clássicos por décadas, o contexto vivido por algumas cidades baianas impactadas pela construção da barragem que leva o nome da música, iniciada na década de 1970 como parte das políticas do então governo militar para implantação de projetos hidrelétricos.

A barragem de Sobradinho, para ser efetivada, demandou a remoção forçada de 72 mil pessoas que foram deslocadas dos municípios de alguns municípios para outros lugares, deixando sob as águas os seus espaços de referência, de sociabilidade e o seu habitat natural (AMARAL e SANTOS, 2018).

Petrolândia, no estado nordestino de Pernambuco, banhada pelo mesmo Rio São Francisco, sofreu o mesmo processo anos depois. Sua submersão ocorreu na década seguinte para a construção da barragem de Itaparica, denominada como Usina Hidrelétrica Luiz Gonzaga, passando a operar com a sua capacidade máxima em 1990 (CODEVASF, 2010).

Mais de 10 mil famílias, totalizando 40 mil pessoas, precisaram ser realocadas para um território localizado a cerca de 20 quilômetros da então cidade de Petrolândia (TORTAMANO, 2020), em um processo que atingiu a cultura, os valores e os costumes e as as rotinas foram alteradas, bem como o sentimento de pertencimento dos moradores, conforme dados que o trabalho denominado "Itaparica: a dor de um povo gerando energia" traz. (CDDH, 1992).

Mais de três décadas após a submersão, o que resta é uma cidade praticamente inteira submersa, apenas com a parte superior da torre da antiga igreja emergindo acima da superfície, o que alcunhou a cidade como a "Atlântida Brasileira". A inundação hoje é parte da memória coletiva do petrolandense, segundo Kerollayne Gominho e Henrique Carneiro, que investigaram as memórias na oralidade da população que vivenciou esse deslocamento, evidenciando os impactos na memória coletiva, a perda do patrimônio material e a melancolização na narrativa da

velha cidade atrelada a lembranças dos lugares e tradições causadas por esse deslocamento (GOMINHO e CARNEIRO, 2020).

Isso levou, por exemplo, gerações mais novas da cidade a, por mais que saibam via oralidade de seus familiares mais velhos sobre os modos de vida, valores e costumes da cidade antiga, não sabem o real processo que levou ao deslocamento para um novo território há quase quatro décadas atrás.

### **Petrolândia e as cidades como espaços de recordação: espaço urbano, comunicação e memória**

Os espaços urbanos são cenários vivos, não simples objetos ou meros planos de fundo, passagens ou lugares para se morar. Isso se deve ao fato de que os lugares guardam, são e promovem memória. Como argumenta Aleida Assmann, os locais carregam recordações e possuem uma memória que vai além da capacidade de lembrança dos indivíduos (ASSMANN, 2021). Para Assmann, os lugares — e o espaço urbano, por consequência — fazem parte de como os espaços culturais da memória adquirem significados e reforçam o poder de conexão entre as pessoas.

Nesse sentido, a transformação dos espaços urbanos pode desencadear sentimentos de perda e desorientação, fenômeno que pode ser compreendido pelo conceito de "Solastalgia", cunhado por Glenn Albrecht (2005), que se define como uma angústia psicológica causada por mudanças ambientais abruptas ou destrutivas em locais que uma pessoa considera seu lar.

Essa transformação signfica e a transformação da relação das pessoas consumidoras de um espaço urbano pode ser percebida e recebida de distintas formas - seja, por exemplo, pela oralidade de pessoas que vivenciaram o deslocamento e a submersão da cidade à época (como é o caso do trabalho de Gominho e Carneiro, por exemplo), como também em formatos outros existentes (e apenas possíveis de existir) no tempo vigente.

É o caso dos conteúdos digitais em vídeo disponibilizados na plataforma YouTube sobre a cidade de Petrolândia, que trazem a um público amplo e distante do contexto regional e geográfico da cidade pernambucana algum contato com os signos da submersão desse espaço.

## **Objetivo e instrumentos metodológicos**

O objetivo central do artigo é analisar três diferentes vídeos sobre a cidade de Petrolândia com apelo de turismo, para compreender como essa cidade e o fenômeno de sua submersão são representados digitalmente, com ênfase na intersecção entre comunicação, consumo e memória. Entender como a cidade submersa, assumindo um papel de produto de curiosidade e fruto de turismo é mediada pelo ambiente digital é, portanto, o objetivo buscado.

Utilizando o referencial teórico de Aleida Assmann, explora-se como as ruínas submersas de Petrolândia se tornaram um “espaço da recordação” ressignificado de diferentes maneiras no ambiente digital.

Como procedimentos metodológicos, foi utilizado o ferramental da netnografia, segundo Galindo (2015), e da análise de conteúdo para procurar entender como a memória de uma cidade desaparecida é ressignificada no espaço digital aos moldes da ciberultura, e consumida ora como entretenimento - transformando o turismo local em uma experiência híbrida entre o passado e o presente - ora como uma maneira de recuperar lembranças e ressignificar as memórias desse espaço físico tomado por água.

## **Achados e discussões do artigo**

Os conteúdos sobre Petrolândia seguem uma perspectiva não-linear sobre como a cidade pode ser retratada hoje. Buscando uma síntese sobre todo o conteúdo analisado, é possível compreender que o aqui e agora proposto por Walter Benjamin (1994) no contexto das obras de arte e da estetização da vida como maneira de experienciar o mundo é o fio condutor de todos os conteúdos disponibilizados na rede: a noção primária de autenticidade da torre - único ponto da cidade antiga não-submerso - como metonímia de todo um território que está submerso e que é, ele próprio, um potencial cenário de memórias guia a experiência de recepção desses vídeos.

A lógica documental presente em alguns vídeos que trazem para o contexto atual as memórias e imagens da cidade pré-submersão é subvertida em vídeos com caráter turístico, onde

o entretenimento e uma lógica de espetáculo embalam a cidade como aspecto de curiosidade, ainda que as memórias e imagens antigas estejam presentes nessa dinâmica.

E, embora haja na maneira de receber os conteúdos no campo dos comentários indícios de memórias e vivências coletivizadas, inclusive pela parcela mais jovem da população, é possível notar a existência de uma fantasmagoria - à luz do conceito de Walter Benjamin - na medida de que, assim como as mercadorias e os objetos no capitalismo ganham uma aura sedutora, criando uma ilusão que encobre as relações sociais e materiais de produção, a maneira pela qual a cidade de Petrolândia e suas ruínas são retratadas nos vídeos analisados trazem tão somente o aspecto estético no viés do lazer e do turismo.

Dessa forma, uma instrumentalização das ruínas da velha Petrolândia como espaço da recordação e lugar de memória é posta em jogo em nome do entretenimento e do turismo.

### **Palavras-chave**

solastalgia; transformações urbanas; antropoceno; memória; cibercultura.

### **Referências**

ALBRETCH, G. **'Solastalgia' : a new concept in health and identity**. PAN : philosophy activism nature. 2005; 3, 44-59.

AMARAL, A. R. P ; DOS SANTOS, J. M. **A barragem de Sobradinho e os atingidos de Sento-Sé (BA)**. In: Congresso Nacional da Diversidade do Semiárido. 2018. p. 01-10.

ASSMANN, A. **Espaços da recordação**. Campinas: UNICAMP, 2011.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, W. **Walter Benjamin: sociologia**. São Paulo: Ática, 1985. (Grandes Cientistas Sociais, n. 50).

BRESCIANI, M. S. M. **Metrópoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX)**. Revista Brasileira de História 5 (8-9), 35-68, 1985. 221, 1985

BRIZOLA, J. H. **Antropoceno no Pampa. Crise climática e os desastres ambientais no RS**. 2024. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/639126-antropoceno-no-pampa-crise-climatica-e-os-desastres-ambientais-no-rs-artigo-de-jaqueline-hasan-brizola>>. Acesso em 23 out 2024.

CDDH - Centro de Defesa dos Direitos Humanos do Submédio São Francisco. **Itaparica: a dor de um povo gerando energia**. Petrolândia: 1992.

CODEVASF – Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e Parnaíba. **Sistema Itaparica**, 2010. Disponível em: <[http://www2.codevasf.gov.br/programas\\_acoes/sistema-itaparica-1](http://www2.codevasf.gov.br/programas_acoes/sistema-itaparica-1)>. Acesso em: 02 jan. 2018 (webarchive).

COSTA, A. C. **Cosmopolíticas da Terra: Modos de existência e resistência no Antropoceno**. Tese de doutorado. PUC-Rio, Fevereiro de 2019. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/46900/46900.PDF>>. Acesso em 23 out 2024.

GALINDO, F. **Netnografia: Contribuições Da Metodologia Para A Sociologia De Uma Crise Industrial**. Business and Management Review, v.4, n. 8, p. 660-672, mar., 2015.

GOMINHO, K.C.; CARNEIRO, H. F. **Velha Petrolândia: memórias de uma cidade perdida no semiárido pernambucano**. 2020. Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente, (55), 262-279.

SIMMEL, G. **A metrópole e a vida mental**. In: VELHO, Otávio Guilherme. O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

TORTAMANO, C. **Petrolândia, a controversa Atlântida brasileira**. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/almanaque/petrolandia-curiosa-atlantida-brasileira.phtml>>. Acesso em 23 out 2024.